

DA LEITURA DO JORNAL À LEITURA DO MUNDO KURÃ–BAKAIRI: REVITALIZANDO A ESCRITA ATRAVÉS DA INTERDISCIPLINARIDADE

ARYANE APARECIDA ANTONIO (FACULDADES INTEGRADAS CLARETIANAS).

Resumo

A escrita na Língua Portuguesa com o passar do tempo e devido ao contato dos indígenas com os não-indígenas passou a ser uma necessidade coletiva para que os povos indígenas pudessem alcançar outros espaços. A comunidade Bakairi, especificamente a aldeia Pakuera no município de Paranatinga/MT, não pensa diferente de outras etnias quanto à preocupação em preparar seus jovens para que conquistem uma profissão, por isso, o pedido de um professor não-indígena para trabalhar a Língua Portuguesa. No entanto, com o convívio permanente entre os Kurã, observou-se que a oralidade é indiscutivelmente preservada, mas por outro lado a escrita materna tem cedido excessivamente espaço para a escrita do Português. Por isso, buscou-se através do trabalho com o jornal contemplar as expectativas dos alunos no que diz respeito à Língua Portuguesa, mas acima de tudo demonstrar as possibilidades de transpor todo o conhecimento adquirido para o seu contexto, e finalmente, torná-lo original através da escrita Bakairi/Carib. A realização de todo trabalho exigiu dos alunos um resgate da escrita materna, amparando-se no conhecimento de algumas pessoas da comunidade que a conhecem e lidam bem, já que a maior parte dos alunos tem dificuldades para utilizá-la. Faz-se importante ressaltar que o Bakairi ainda não tem uma língua escrita normatizada, assim como tanto outros povos, todavia, as atividades acabaram de certa forma contribuindo para o repasse e o fortalecimento da mesma. A pretensão foi transpor a aquisição deste saber para o cotidiano dos alunos tecendo uma teia que começou pelo contato e conhecimento do material, uma vez que o grupo não o mantinha, prosseguindo por todos os estágios até a produção do jornal impresso. Posteriormente, pelos resultados colhidos pelo grupo, do papel o jornal transformou-se em um tele-jornal, criando ramificações para outros trabalhos.

Palavras-chave:

Leitura, Escrita, Interdisciplinaridade.

I - Introdução

A etnia Bakairi soma-se com aproximadamente um mil indivíduos, pertence à família lingüística Karib e falantes do Bakairi[1]. Situa-se atualmente em duas áreas: no município de Nobres (quatro aldeias) e no município de Paranatinga (onze aldeias), ambos em Mato Grosso. O trabalho apresentado refere-se a este último município, especificamente a aldeia Pakuera.

Após o contato dos povos indígenas com os não-indígenas, a língua portuguesa passou a ser o instrumento de defesa para tais sociedades. Ao compreender e interpretar o português, o aluno indígena como cidadão brasileiro, sobretudo passa a entender o funcionamento da sociedade dominadora e assim a intervir em prol de seu povo.

Conseqüentemente, a língua portuguesa contribui também para que os diversos povos indígenas possam se relacionar, adquirindo força política para reivindicar e propor soluções para as questões comuns a todas as comunidades.

Essa necessidade ocasionou a solicitação de um professor não-indígena à Faculdade Claretianas de Rio Claro/ SP para trabalhar a língua portuguesa com os alunos concluintes e egressos do ensino médio. O relacionamento entre a comunidade Bakairi e a instituição advêm de antigas parcerias, facilitando o contato e a realização do trabalho.

O contato com o jornal surgiu dos debates promovidos durante as aulas de interpretação de textos, onde o grupo trabalhava com a leitura e a discussão dos assuntos levados para a aula. Um dos objetivos foi desenvolver a leitura crítica de textos e a ordenação das idéias colhidas através dos debates, propiciando que cada aluno construísse argumentos consistentes para defender seu ponto de vista.

O desenvolvimento do trabalho fez com que os dez alunos participantes percebessem a possibilidade da produção de um jornal que além de adequar as notícias ao contexto, transpusesse o conteúdo para a língua materna, uma vez que esta é a língua de instrução oral utilizada na escola. As atividades contribuíram para a percepção da viabilização da escola tornar a língua materna, também um meio de instrução escrita.

II - A escrita muito antes de Karl von den Steinen

O Bakairi desde o contato com o não-indígena, assim como muitas sociedades indígenas passou a modificar o seu modo de se relacionar com o mundo, através das novidades trazidas pelo "karaiwa"[2], como por exemplo, diversos utensílios domésticos e principalmente as línguas. A etnia em questão na primeira década do século XVIII dividiu-se em três partes após conflitos internos e com outras etnias. A maior parte dos Kurâ ficou entre Nobres e Paranatinga, estabelecendo desde então contato com os fazendeiros próximos à reserva, envolvidos em atividades mineradoras e de pecuária respectivamente. A outra parte rumou para o Alto Xingu.

As duas partes que ficaram entre Nobres e Paranatinga aprenderam aos poucos e por poucos indígenas, a se comunicar na língua portuguesa pela necessidade de compreender as intenções do não-indígena, e assim tentar se proteger.

Somente a partir de 1884 com a expedição do pesquisador Karl von den Steinen é que o Bakairi passa a ter mais visibilidade no cenário nacional. Segundo fontes escritas (Apud Taukane, 1999), em 1882 o capitão Reginaldo, líder do grupo de Arinos, atualmente conhecido como Terra Indígena Santana (Nobres), dirigiu-se com 12 homens ao Presidente da Província portando em mãos uma carta escrita a próprio punho em português, além de possuir conhecimento prático de língua francesa aprendido no convívio com um oficial do exército que depois de abandonar a carreira militar, passou a morar entre os Bakairi de Santana.

Outro líder importante na história deste povo, Antoninho (Kuiakare) também mostrou conhecer a língua portuguesa ao elaborar um documento datado de 24 de maio de 1924 (Taukane, 1999) reivindicando o direito de expulsar do Posto os funcionários que não os respeitasse.

...Faço sciente a espetoria de Cuiabá que está passsando aqui no dito Posto. Eu Capitão Antoninho e Capitão Roberto Joaquim dos Sancto e mais pessoais fais esta chexa [queixa?] que o empregado do Posto Bacahiris esta maltratando sobre ropa que estão, jamais nunca sobra pano ..., mais é para Bacahiris até chumbo elle mandou vir de La da espetoria diz que era prara matar Bacahiriz... pesso o Governo

da espetoria uma orde que todos os empregados que vier aqui não cervi e não respeitar nois podemos tirar pra fora do Posto. E assim receba recado do Capitao Antoninho e do Capitão Roberto Joaquim dos Sancto (Ass: Antoninho e Sancto, 1924: Filme 213, fotograma 250, apud Taukane, 1999).

Desde o conhecimento das primeiras escritas em português e unindo-se a outras etnias, os povos indígenas compreenderam que para lutar e conquistar espaço e respeito entre os "karaiwa" precisariam de mais, ou seja, o que antes era suficiente tendo um único líder conhecedor da língua dominante, com o tempo passou a ser pouco, tornando-se então em uma necessidade coletiva. Tal fato por outro lado, revela outro anseio, assim como cita D'Angelis (D'Angelis, 2007):

...somente quando parcelas importantes da comunidade indígena se inserem em um processo de assimilação crescente à sociedade e cultura não-india, isto é, a sociedade nacional envolvente, é que o domínio da escrita do Português se apresenta como necessidade (e aspiração) individual. (p.14).

Sendo assim, quanto mais escolarização o indivíduo indígena obtiver, mais intensas serão suas relações com o não-indígena, facilitando o contato com os órgãos apoiadores de tais causas. Por conseguinte, os mais "instruídos" terão maior visibilidade política dentro de sua comunidade.

Atualmente os Kurã de Paranatinga contam com o ensino fundamental e médio, conquistados a duras penas ao longo do tempo. Ao possibilitar que seus alunos concluam os estudos dentro das aldeias, a comunidade reforça ainda mais os laços familiares e evitam diversos problemas que os jovens indígenas sem as mesmas oportunidades, sofrem fora de seu ambiente cultural.

Desde então, a escola Bakairi, e refiro-me a educação escolar, uma vez que o pouco tempo que convivo com esta comunidade valeu-me mais do que todos os estudos regulares, incluindo o universitário, busca melhorar e garantir todos os direitos firmados em leis.

Jornal: informação ou distração? Descobrimo os caminhos

Seguindo um dos preceitos do letramento que segundo Kleiman (2005) "é uma prática sociocultural de uso da língua escrita que vai se transformando ao longo do tempo, segundo as épocas e as pessoas que a usam e que pode ser libertadora", atentei-me em identificar de que maneira a escrita e a leitura estava inserida dentro da comunidade Bakairi, considerando as transformações a que esta foi submetida no processo de aprendizado da língua portuguesa.

O diagnóstico partiu das aulas de interpretação de textos, onde eu recolhia jornais e revistas doadas pela prefeitura local e debatia as notícias com os alunos. Essas aulas tinham como objetivo colaborar para a compreensão crítica e a exposição das idéias, uma vez que os alunos indígenas relataram no começo das aulas a grande dificuldade que enfrentam nas provas orais as quais são submetidos para aprovação em cursos de graduação.

O resultado demonstrou que os alunos compreensivelmente se sentiam inseguros para expor seus pensamentos, além de não terem ainda participado de uma aula sem que fosse necessário utilizar prioritariamente papel e caneta, o que no início causou estranhamento e algumas críticas. Aos poucos a turma aprendeu a trabalhar em grupo e a respeitar mesmo com uma opinião contrária, o ponto de vista do outro.

Como já citado, o jornal e a revista foram os materiais escolhidos para desenvolver as atividades de interpretação de textos, porém o grupo não mantinha contato com esse meio de comunicação por vários motivos, dentre eles: o difícil acesso e a falta de um jornal local. No entanto a colaboração da prefeitura doando os jornais regionais e estadual foi essencial para o trabalho.

Essa escolha deve-se a inserção das tecnologias dentro das áreas indígenas preparando-os para lidar com as informações e reconhecer suas verdades e suas ambigüidades, ensinando-os a "ler" o que não foi escrito, além de explicitar como um material rico como o jornal ou simplesmente uma notícia, desenvolvem diversos temas, afirmando a citação de Roland Bathes (1988): "A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém. O texto é, creio eu, um desses objetos". Através desta observação é que procurei realizar as atividades, ou seja, de modo a fazer com que cada aluno pudesse criar suas notícias, seus textos do ponto de vista próprio e assim propor a outro colega o desafio de descobrir outras possibilidades.

A primeira atividade proposta foi de conhecer e reconhecer o material e a estrutura que ele apresenta. Os alunos foram "destrinchando" cada seção e relacionando com a intenção que cada uma pretende. A identificação dos principais elementos de uma notícia: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? desenvolveram a capacidade argumentativa e crítica dos alunos, propondo que concordassem ou discordassem de um texto ou notícia através de argumentos convincentes, o que fez com que estabelecessem a distinção entre fato e opinião.

A oferta de jornais de várias localidades fez com que o grupo identificasse as semelhanças e diferenças da diagramação, primeira página, manchetes, leads e à enumeração das temáticas abordadas, assim as discussões acerca dos propósitos requereram um período extenso, dada à importância e as diversas visões que foram surgindo, demonstrando nitidamente as transformações.

Na medida em que o grupo se familiarizava com o material passava a observar com mais atenção os acontecimentos sociais da própria comunidade e durante os debates, a sugerir algumas soluções que mesmo permanecendo apenas entre os alunos, faziam com que sentissem o progresso.

As notícias trazidas para as discussões foram selecionadas pelo grupo após as primeiras leituras do jornal. Ao mesmo tempo em que descobriam o material, também o relacionava ao cotidiano, pois muitas matérias tinham relação com os povos indígenas. Um exemplo claro e atual na época foi às constantes manifestações realizadas pelos indígenas da reserva Raposa Serra do Sol em que o jornal O Estado de São Paulo[3] publicou uma reportagem sobre a reserva, onde um Almirante criticou a demarcação contínua das terras.

O grupo explanou o assunto com facilidade lembrando a demarcação que suas terras sofreram em 1960 (Projeto Tucum, 2003), perdendo do seu território uma área equivalente a 8.000 ha, conhecida como aldeia Paxola, tendo sua reconquista no ano de 1986 sem qualquer tipo de violência por parte dos indígenas. Como o objetivo inicial foi de trabalhar a língua portuguesa, à medida que líamos as reportagens mesclávamos com as atividades centrais do conteúdo contemplando os anseios com relação ao português e desenvolvendo novas habilidades textuais.

Entre os assuntos sobre demarcações, outras problemáticas surgiam durante as discussões e conseqüentemente, as divergências. O grupo reconheceu que este é um dos papéis que a imprensa, tanto do jornal impresso quanto do tele-jornal tem (ou deveria ter) como objetivo, ou seja, informar a população e fazer com que esta

abstraia das notícias uma nova visão ou reforce os argumentos apresentados, reafirmando os pontos de vista ali expostos, sem ser tendencioso.

Com o prosseguimento das atividades os alunos concluíram que o jornal tem como função primordial informar, mas que devido a problemas educacionais brasileiros referentes à qualidade e as condições de ensino, para atingir os leitores acaba por apelar ora através da distração ora através das tragédias, limitando-se a vender.

A segurança que os alunos foram construindo ao longo das atividades direcionou o trabalho para a elaboração de um jornal local que trouxesse reportagens pertinentes ao seu povo. O grupo se organizou para distribuir as tarefas e as responsabilidades que cada um assumiu de acordo e respeitando as afinidades que têm com determinado tipo de matéria jornalística. Dessa maneira, surgiu a primeira produção de jornal escolar na aldeia Pakuera da etnia Bakairi.

III - Transvendo as possibilidades

Partimos para a comparação de um jornal local x jornal escolar, explicitando os tipos de textos e os gêneros textuais presentes no jornal escolar, incentivando a produção de cartas do leitor ou artigos de opinião sobre um problema da comunidade e da escola o que nos levou a definirmos quais assuntos eram interessantes para escrevermos.

Em conjunto e baseados nos jornais que o grupo havia trabalhado resolveu-se que o jornal trataria mais dos problemas da comunidade e que deixariam para outra oportunidade para escrever sobre assuntos estaduais ou nacionais; discorreriam sobre segurança no trânsito da aldeia, a cultura indígena Bakairi, política no município de Paranatinga e infra-estrutura da escola. Como entretenimento escolheram falar de esporte, culinária, piadas, pensamento, cruzadinha, poesia e uma seção com fotos dos últimos acontecimentos na aldeia.

A decisão de incluir e dar o mesmo espaço para notícias e entretenimento surgiu da reflexão do grupo de que a comunidade não está habituada e familiarizada com a leitura de jornais, por isso, precisaríamos criar um espaço que atraísse o leitor, assim como também acontece com o público da cidade que por não desenvolver o hábito da leitura crítica acaba por ler apenas as colunas de diversão.

Ao produzir o jornal escolar e comunitário os alunos assumiram o papel de jornalistas e antes de escrever suas matérias foram a campo pesquisar sobre as reais condições do assunto que tratariam cientes da conclusão que eles obtiveram de não faltar com a verdade. Passaram a andar pela aldeia buscando maiores informações e entrevistando pessoas que auxiliassem na produção dos textos. Durante todo o trabalho de campo acompanhei um a um observando e dando dicas para facilitar nas anotações mais relevantes.

Com as informações colhidas puderam então elaborar o texto e refazê-lo quando necessário. O grupo trocou por diversas vezes os textos entre si para identificar erros que estariam dificultando a compreensão do leitor, possibilitando correções e maior entendimento do assunto.

O nome do jornal foi uma decisão feita por todo o grupo, pois cada um pôde sugerir um nome e após as conversas chegou-se a um consenso para defini-lo, sendo denominado de "Noticiário Bakairi". Faz-se importante ressaltar que o projeto de

trabalhar a língua portuguesa através do jornal a princípio não almejava sua publicação, nem mesmo entre a comunidade e a escola, mas com o desenrolar das atividades e a motivação dos alunos, o grupo passou a aspirar outras possibilidades.

Como já citado no início do trabalho as atividades propostas alcançaram o objetivo inicial de trabalhar o português com os alunos, e inesperadamente foi além. A interdisciplinaridade trabalhada através do jornal possibilitou a construção dos significados por meio do aproveitamento e da incorporação de relações vivenciadas e valorizadas no contexto em que a realidade é tecida, ou seja, o enraizamento dos conceitos vistos.

O resultado do jornal surpreendeu todo o grupo, pois ao destrinchar toda a estrutura deste veículo de comunicação compreenderam sua produção e aprenderam a produzi-lo. Com o projeto Ceusol das Faculdades Claretianas realizando a capacitação de professores e alunos na aldeia, surgiu o desejo de transformarmos o jornal em um telejornal.

Os alunos partiram então para um novo processo do trabalho, ou seja, rever e reescrever as matérias do jornal de modo a adequá-las para um telejornal, com as informações mais concisas e objetivas, além de escreverem-nas na língua materna.

Para escrever as reportagens na língua materna o grupo precisou se unir e dividir o conhecimento que cada um obteve de seus familiares com relação à língua Bakairi. Após as correções e a certeza de que estava tudo pronto o grupo passou a organizar as filmagens em internas e externas, com reportagens pela aldeia e no "estúdio" que teve o rio Pakuera como escolhido.

Depois das filmagens realizadas uma parte do grupo acompanhou a edição do material e colaborou na colocação das legendas finalizando mais esta etapa.

IV - Conclusão

O início do trabalho com a língua portuguesa almejava contemplar apenas as expectativas quanto às dificuldades encontradas pelos alunos indígenas tanto com relação à gramática quanto a oralidade, a maneira de expressar-se. No entanto, o decorrer das aulas e o diagnóstico otimista da relação que já estabeleciam com o português motivou-me a buscar novas formas de desenvolver habilidades textuais para aprimorar a produção e a interpretação de textos preparando-os para futuros processos seletivos e para compreender as entrelinhas do mundo não-indígena.

Desta maneira, buscando apoio e preparando o projeto de língua portuguesa pensando na formação crítica do grupo elaborei atividades de leitura e debates utilizando como material, o jornal. Felizmente a turma aceitou e compreendeu a função e a importância de saber ler as informações ali contidas de modo a aproveitá-las da melhor maneira que julgarem.

Ao familiarizarem-se com o jornal os alunos sentiram-se motivados a produzirem o próprio jornal da comunidade comprovando a internalização dos conteúdos. Concomitantemente a língua portuguesa, outras disciplinas foram trabalhadas na

elaboração das matérias jornalísticas enriquecendo e contribuindo de fato para a compreensão da segunda língua.

Todavia, o trabalho despertou o interesse no grupo em transformar o material elaborado em português para a língua materna. O que a princípio parecia simples para os alunos, com o desenvolvimento do trabalho para o Bakairi revelou uma dificuldade, pois com o problema da língua materna não ser normatizada ao transcrevê-la houve e há margens para possíveis enganos dependendo do ponto de vista de cada grupo Bakairi. Tal fato demonstrou a todos a necessidade urgente de uma política sociolingüística que preserve e fortaleça aspectos indispensáveis a língua Bakairi e que, no entanto, normatize-a.

Para resolvermos a questão por hora para a conclusão do trabalho, entramos em consenso e com a ajuda de alguns professores fizemos a legenda de acordo com o grupo mais próximo ao telejornal. Os alunos se uniram para a transcrição, correções e adequações.

O trabalho em questão confirmou o potencial dos alunos indígenas com relação à língua portuguesa e demonstrou o interesse existente em produzir materiais na língua materna para a própria comunidade adequando o conteúdo e os fatos, porém a falta de um estudo sério sobre a língua Bakairi impossibilita a produção de materiais de qualidade e de independência para tais elaborações.

O grupo aproveitou todo o processo do trabalho e compreendeu que a prática é a melhor maneira de desvendar os caminhos que o conhecimento tece. O que a princípio pode parecer incompreensível ao observar a complexidade de uma teia, torna-se um leque de possibilidades ao revelar a amplitude que ela nos trás.

Bibliografia

BATHES, Roland. In: *O rumor da língua*, Pg. 99. 1988.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Como nasce e por onde se desenvolve uma tradição escrita em sociedades de tradição oral?*. Campinas/SP. Ed. Curt Nimuendajú, 2007.

FONDO INDÍGENA. Bolivia. *SIAPP - Sistema de Información Y Administración de Programas Y Proyectos*. Disponível em: http://www.fondoindigena.org/proyectos/php/proy_resumen.php?codigo_proy=taiua@yahoo.com.br. Acesso em maio de 2009.

KLEIMAN, Angela B. *Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?*. [s.l., s.n] . Impressão em setembro de 2005.

POIURE, Genivaldo G. *A reconquista da Paxola*. IN: *Sócio-diversidade indígena: Ensaio de Educação Escolar no Projeto Tucum*.(Orgs.) ZORTHÊA, Kátia S; MENDONÇA, Terezinha F. de. Gráfica Ed. Defanti. pg. 113. 2003.

TAUKANE, Darlene Yaminalo. *A História da Educação Escolar entre os Kurâ- Bakairi*. Cuiabá: Gráfica Print, 1999.

[1] Fonte: site <http://www.fondoindigena.org/contacto.shtml>

[2] Termo utilizado entre os Bakairi para designar não - indígena.

[3] MONTEIRO, Tânia. O Estado de São Paulo. Sexta-feira, 16 de maio de 2008. Nacional - A11.